



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

DAVOS, SUÍÇA, 30 DE JANEIRO DE 1998

No ano 2000, o Brasil celebrará os 500 anos do seu descobrimento. Os brasileiros terão, de fato, muito para celebrar - e não me refiro apenas ao futebol, é claro.

De fato, os eventos no Brasil, ao longo dos últimos anos, trouxeram um sentimento de renovado otimismo ao País. Após muitos anos de incerteza, previsões cinzentas e escasso progresso na área social, o País está novamente avançando, graças à consolidação do regime democrático e aos resultados alcançados no plano econômico. Para compreender o porquê disso, é necessário estar familiarizado com alguns dos fatos mais relevantes no Brasil dos últimos anos.

Dessa forma, o que apresentarei aqui são os fatos específicos sobre um país específico. Entre parênteses, assinalo que, em uma economia globalizada, onde é freqüentemente necessário analisar eventos que ocorrem em lugares distantes, um dos desafios mais difíceis com que se deparam os tomadores de decisões, tanto no setor público como no privado, é a necessidade de evitar generalizações enganosas, que tendem a diluir as distinções, tornando mais difícil a compreensão das características próprias da economia de cada país ou de cada região. Por

exemplo, a noção de “mercados emergentes”, ainda que seja útil em alguns contextos, pode ser enganosa, se levar os analistas a perderem a noção das importantes diferenças entre situações tão diversas quanto as da América Latina, da Ásia ou da Europa Oriental, para não mencionar situações específicas de países.

Com respeito ao Brasil, graças ao êxito alcançado com o Plano Real, a estabilidade econômica está firmemente estabelecida. A inflação está abaixo de 5% ao ano, em nítido contraste com os níveis de 30% e até 40% ao mês, aos quais o Brasil estava acostumado até 1994. Foi 1997 o quarto ano consecutivo de inflação em declínio e o quinto ano de crescimento sem interrupção.

De fato, a estabilidade trouxe condições favoráveis para o crescimento em taxas consideravelmente mais altas do que as registradas antes de 1993. Em 1997, a economia brasileira cresceu cerca de 3,5%. De 1994 a 1997, a economia cresceu uma média de 4,2% ao ano – o que está acima da taxa média para a América Latina no mesmo período: 3,4%. Em razão da tendência histórica de redução das taxas de crescimento demográfico – de 2,9% em 1960-69 para 1,3% em 1994-97 –, essas cifras se refletem em um aumento médio de 2,8% na renda *per capita* no período 1994-1997, em contraste com a taxa média de 0,1% no período 1980-1993.

Esse aumento, por sua vez, reflete-se em um incremento do consumo de bens e serviços por amplos setores da população brasileira, inclusive - e isso é particularmente digno de nota - por muitos brasileiros pobres, os quais, após o Plano Real, tiveram acesso a bens e serviços que, anteriormente, só podiam sonhar em possuir. Isso é importante em termos sociais, mas também em termos econômicos: nosso mercado de consumo é hoje muito mais forte do que há cinco anos.

O que é ainda mais importante, porém, é que os fundamentos da economia brasileira são hoje muito mais sólidos, o que contribui para que o crescimento econômico possa se fazer de forma sustentada, e não de forma errática, como ocorreu tantas vezes no passado.

O déficit fiscal está se reduzindo de forma consistente. De janeiro de 1996 a outubro de 1997, o déficit do setor público caiu de 7,85% para 5,11%

do PIB. Em resposta às recentes turbulências nos mercados financeiros internacionais, na seqüência da crise na Ásia, aceleramos o ritmo do ajuste fiscal, com a adoção de 51 medidas de austeridade, que deverão resultar em um ganho fiscal de cerca de 18 bilhões de dólares em 1998.

Ademais, propostas importantes para a reforma da administração pública e da previdência social encontram-se nos estádios finais de deliberação no Congresso e deverão ser aprovadas em breve. Isso trará uma contribuição valiosa para uma solução de longo prazo da questão fiscal no Brasil.

Tudo isso se está fazendo com o pleno apoio do Congresso Nacional, o que reflete o fato de que a sociedade brasileira compreendeu a necessidade de proteger o Real e preservar a estabilidade econômica. Isso mostra como as instituições democráticas brasileiras revelam estar à altura da tarefa de definir políticas econômicas coerentes.

Além de estar em melhor situação econômica, o Brasil de hoje é também mais aberto ao exterior. A tarifa média sobre importações reduziu-se de 52% para 12%. Em consequência, o comércio internacional do Brasil tem-se desenvolvido de forma contínua nos últimos anos. Nosso volume de comércio com o mundo hoje, de 114 bilhões de dólares, é mais de duas vezes maior do que era em 1990: 52 bilhões de dólares.

Esses indicadores econômicos podem dar uma visão geral da melhora na situação macroeconômica no Brasil. Mas ainda há algo mais. Uma das principais razões para ser otimista com relação ao Brasil é o fato - talvez menos óbvio, mas, de modo algum, menos importante - de que a economia real também está mudando de forma significativa. Essa mudança resulta de um conjunto de fatores que estão estimulando uma profunda reestruturação do sistema produtivo. Entre esses fatores, destacam-se:

- a) a abertura ao comércio internacional, com a redução de tarifas, o que tornou mais fácil o acesso de produtos estrangeiros no Brasil - o crescimento das importações é evidência disso;
- b) a estabilidade econômica e monetária, que tornou mais difícil para as empresas transferir para outros o custo da ineficiência através de aumentos de preços ou beneficiar-se de mecanismos tradicionais, como os da taxa de câmbio, dos subsídios ou incentivos; quanto

mais forte a moeda, maior é a necessidade de uma autêntica competitividade, por oposição à competitividade precária que se baseia na inflação ou na assistência governamental;

- c) a privatização, que se está efetuando em escala sem precedentes e está promovendo a competição em diversos setores-chave da economia: até outubro de 1997, o programa de privatização gerou mais de 20 bilhões de dólares de receita; no período 1998-1999, mais de 60 bilhões de dólares são esperados.

Essas mudanças produziram um novo ambiente para os negócios no Brasil, um ambiente que é mais competitivo e no qual a necessidade de padrões mais altos de qualidade e de eficiência tornou-se um imperativo para os empresários, assim como a mão-de-obra mais qualificada tornou-se um elemento essencial. Temos um “novo jogo”.

Nesse ambiente radicalmente transformado, as empresas estão confrontadas com um choque de competitividade, que lhes impõe a necessidade de adaptar-se de forma criativa. Os estudos mostram que o estão fazendo com êxito. Não é um processo simples ou linear. Há, muitas vezes, vencedores e perdedores, há idas e vindas, mas a tendência geral é evidente para quem está familiarizado com o que ocorre no Brasil: a eficiência e a qualidade estão melhorando e existe um enfoque inteiramente novo, uma nova mentalidade por parte tanto de empresários quanto de trabalhadores.

Isso se reflete no fato de que os aumentos de produtividade —cerca de 7% em média, por ano, desde 1990 – têm sido um fator importante na promoção do crescimento econômico no Brasil.

Paralelamente a esses desdobramentos, a ênfase que o Governo está atribuindo à educação, sobretudo à educação fundamental - o esforço de trazer cada criança para a escola e de equipar escolas e professores adequadamente como uma prioridade nacional -, tornará possível, com o tempo, melhorar o nível de qualificação da força de trabalho. Estamos dedicando recursos consideráveis a esse esforço e não duvidamos, em nenhum momento, de que ele vale cada centavo.

A competitividade no setor privado está-se beneficiando, além disso, de outros dois elementos:

- a) a redução do chamado custo Brasil; os resultados nessa área são impressionantes; exemplos: hidrovias, portos, redução da carga tributária, construção de novas estradas, etc.;
- b) o fato de que uma boa parte das importações brasileiras nos últimos anos foi composta de bens de capital, que são essenciais para elevar os padrões de qualidade e para tornar mais barata a produção.

Quando consideramos todos estes aspectos conjuntamente - a constante melhora da situação macroeconômica e a verdadeira revolução que está transformando a estrutura de produção no Brasil -, não podemos senão concluir que o Brasil está plenamente preparado para enfrentar os desafios de uma economia crescentemente globalizada e para ingressar no século XXI como um dos principais atores na economia mundial.

Um dos efeitos dessas transformações é a força crescente das exportações brasileiras. Os resultados de nossa balança comercial em 1997 desmentiram as previsões pessimistas de alguns analistas. O déficit foi de 8,5 bilhões de dólares, contrastando com previsões que iam até 16-17 bilhões de dólares.

Outro efeito é o da crescente confiança dos investidores, tanto nacionais como estrangeiros. Essa é uma questão-chave. O Plano Real deu novo impulso à confiança dos investidores, o que se traduziu em um aumento acentuado nos montantes de investimento estrangeiro direto no Brasil. Foram cerca de 17 bilhões de dólares em 1997, o que representa um aumento de 70% com relação à cifra de 1996 - 9,9 bilhões de dólares - e um aumento de 800% com relação a 1994 - 2,2 bilhões de dólares. Esses números são a expressão da credibilidade que chegamos a merecer através do trabalho duro.

Orgulha-nos poder afirmar que mantivemos a nossa palavra e que o Brasil de hoje merece, sem dúvida, o tipo de confiança que se outorga àqueles que não somente preenchem as expectativas, mas conseguem superá-las.

A questão da confiança esteve presente em nosso espírito quando respondemos de forma decisiva à recente crise nos mercados financeiros mundiais. O Brasil sentiu os efeitos da crise, mas nossa resposta veio sem demora e com determinação. Atuamos no sentido de preservar a confiança dos mercados e de afastar qualquer tipo de dúvida com respeito à nossa intenção - e à nossa capacidade - de defender as conquistas do programa de estabilização.

É clara a decisão da sociedade brasileira: prosseguir no caminho da estabilidade e do crescimento econômico, com padrões cada vez mais elevados de justiça social. Poderá haver obstáculos, maiores ou menores. Não estamos isolados no mundo, e há fatores que escapam ao nosso controle e à nossa vontade. Dessa forma, o custo e o ritmo dos avanços poderá ser influenciado por circunstâncias externas. No entanto, qualquer que sejam as circunstâncias, uma coisa é certa: não haverá desvios nem retrocessos. O apoio que recebo em meu País está relacionado com a confiança que os brasileiros em mim depositam para manter essa rota. Não há dúvida de que farei isso. Como já afirmei antes, não há alternativa para o Brasil senão a de mostrar-se à altura dos desafios e oportunidades históricos de nossos tempos.